

RALED

VOL. 23(1) 2023



ARTÍCULO

Da personagem à pauta ampla: representação da situação de rua na Folha de S. Paulo

From character to broad agenda: representations of the homelessness in Folha de S. Paulo

DANIELE GRUPPI DE MENDONÇA

Universidade de Brasília
Brasil

VIVIANE DE MELO RESENDE

Universidade de Brasília
Brasil

Recebido: 24 de fevereiro de 2023 | Aceito: 15 de junho 2023

DOI: 10.35956/v.23.n1.2023.p.6-24

RESUMO

Este artigo investiga a representação discursiva em torno da situação de Wladimir Delvechio, pessoa em situação de rua na cidade de São Paulo que construiu um espaço para viver no local conhecido como Minhocão, mas teve seus pertences recolhidos numa ação municipal. Depois da repercussão do caso pela *Folha de S. Paulo*, a equipe da administração de João Dória divulgou que Delvechio seria empregado pelo programa Trabalho Novo, mas ele regressou ao Minhocão. Foram quatro notícias veiculadas sobre o caso na *Folha de S. Paulo*, as quais nomeamos para este artigo de “caso Delvechio”, e que serão analisadas à luz dos estudos críticos do discurso. Apesar de tomar uma situação individual, o objetivo é compreender como a produção discursiva do jornal fala a suas leitoras e leitores sobre a situação de rua de uma maneira geral, cruzando a temática de políticas públicas.

PALAVRAS CHAVE: *Situação de rua. Jornalismo online. Estudos Críticos do Discurso. Política pública.*

RESUMEN

Este artículo investiga la representación discursiva en torno a la situación de Wladimir Delvechio, una persona en la calle de la ciudad de São Paulo que construyó un espacio para vivir en el lugar conocido como Minhocão, pero sus pertenencias fueron recogidas en una acción municipal. Después de la repercusión del caso en *Folha de S. Paulo*, el equipo de administración de João Dória anunció que Delvechio sería empleado del programa Trabalho Novo, pero regresó al Minhocão. Fueron cuatro noticias publicadas sobre el caso en *Folha de S. Paulo*, que denominamos para este artículo “caso Delvechio”, y que serán analizadas a la luz de los estudios críticos del discurso. A pesar de tomar una situación individual, el objetivo es comprender cómo la producción discursiva del periódico habla a sus lectores sobre la situación de la calle en general, cruzando el tema de las políticas públicas.

PALABRAS CLAVE: *Situación de calle. Estudios Críticos del Discurso. Políticas públicas*

ABSTRACT

This paper investigates the discursive representation about the situation of Wladimir Delvechio, a homeless person in the city of São Paulo who built a space to live in the place known as ‘Minhocão’, but had his belongings collected in a municipal action. After the repercussion of the case by *Folha de S. Paulo*, the city administration team announced that Delvechio would be employed by the ‘Trabalho Novo’ program, but he returned to ‘Minhocão’. Four news texts were published by *Folha de S. Paulo*, about the “Delvechio case”. We analyze these texts in the light of critical studies of the discourse. Despite taking an individual situation, the objective is to understand how the newspaper speaks to its readers about homelessness in general, crossing the theme of public policies.

KEYWORDS: *Homelessness. Online journalism. Critical Discourse Studies. Public policy.*

Introdução

Neste trabalho investigamos a representação discursiva da *Folha de S. Paulo* em torno do caso de Wladimir Delvechio, também conhecido como Alemão, um homem de 33 anos que em 2017 se encontrava em situação de rua na cidade de São Paulo e foi personagem de quatro notícias veiculadas no portal da *Folha de S. Paulo*. Sua história de vida não é muito diferente das de outras pessoas que também vivem nos espaços públicos da capital paulista. O levantamento do Observatório Brasileiro de Políticas Públicas com a População em Situação de Rua (OBPopRua/POLOS-UFMG) aponta que mais de 53 mil pessoas vivem nas ruas da capital paulista. Os dados são de março de 2023.

No entanto, Delvechio emergiu como um acontecimento jornalístico para aquele jornal, após o ambiente que montou sob o Minhocão chamar atenção, por ter elementos de uma casa, como móveis e objetos de decoração. Sobre isso, foi veiculada a primeira reportagem do caso,¹ que parte da descrição desse ambiente para depois apresentar a história de vida do personagem e como passou a viver nas ruas da capital paulista. Três dias depois dessa primeira notícia, a história de Delvechio voltou a ter espaço midiático,² após a Secretaria Regional da Sé, alegando cumprimento ao decreto de zeladoria urbana expedido por João Doria, empilhar os objetos de Delvechio num caminhão e levá-los para um depósito. Na terceira reportagem da série,³ publicada dois dias depois da segunda, Delvechio foi usado como ‘pano de fundo para divulgação’ de um programa de governo, o chamado Trabalho Novo, ao ser selecionado como participante. A última publicação⁴ relata sua desistência de participação no programa e retorno ao Minhocão.

A situação de rua é tratada na *Folha de S. Paulo* com frequência. Para se ter uma ideia, entre 2016 e 2018, 747 textos que abordaram a situação de rua foram coletados por meio de busca no portal *Folha de S. Paulo*, utilizando as palavras-chave: “morador de rua”, “moradores de rua”, “moradora de rua”, “população de rua”, “pessoa em situação de rua” (e correlatas que se mostraram relevantes durante a coleta) (Mendonça 2019).

O ponto central, no entanto, é a maneira como a *Folha* e outras mídias noticiam a situação de rua, pois isso impacta sobre como se percebe e se reage à questão social e influencia a articulação de ações e políticas públicas para o segmento populacional. O “caso Delvechio”, por exemplo, deu “visibilidade” a uma pessoa em situação de rua, denunciou uma ação pública higienista e ainda teve outros desdobramentos. Dessa forma, interessa-nos analisar, neste artigo, como Delvechio foi

-
- 1 <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/04/1877616-com-sofa-tapete-planta-e-cama-morador-de-rua-monta-casa-sob-o-minhocao-em-sp.shtml>
 - 2 <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/04/1878300-vou-construir-de-novo-diz-morador-de-rua-que-montou-casa-sob-o-minhocao.shtml>
 - 3 <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/04/1879098-homem-que-fez-casa-sob-minhocao-sera-empregado-pela-prefeitura.shtml>
 - 4 <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/06/1896062-morador-de-rua-levado-a-emprego-por-doria-volta-a-fazer-casa-sob-minhocao.shtml>

representado nas notícias e como as diferentes vozes de atores sociais articularam discursos, para assim compreender os efeitos de sentidos gerados.

Utilizamos como ferramenta de investigação enquadres dos estudos críticos do discurso. Entre as categorias discursivas propostas no campo, serão úteis para este estudo: intertextualidade, interdiscursividade (Fairclough 2003) e representação de atores sociais (van Leeuwen 1997; 2008).

Este artigo está dividido em quatro seções, além desta introdução e das considerações finais. Na primeira, discorremos sobre algumas ações recentes do poder público do município de São Paulo voltadas para pessoas em situação de rua, como os decreto sobre as ações de zeladoria urbana (Decreto nº 57.581 e nº 57.069) e o lançamento de programa Trabalho Novo. A segunda seção traz uma abordagem teórica dos estudos críticos do discurso que ancoram este artigo. Na terceira seção, discutimos a questão da objetividade e da subjetividade no jornalismo. Na quarta, analisamos como os movimentos discursivos articulam vozes e constroem a personagem de Delvechio na sequência narrativa.

1. Ações recentes do poder municipal para a rua

Assim que assumiu o executivo municipal em 2017, João Dória Júnior (prefeito de São Paulo entre 2017 e 2018) editou o Decreto nº 57.581, de 20 de janeiro de 2017, que alterou o Decreto nº 57.069, de 17 de junho de 2016, publicado pela gestão Haddad (2013 a 2016) após a repercussão da morte de cinco pessoas em situação de rua durante a onda de frio que atingia São Paulo em 2016.

O Decreto de 2016 dispunha sobre os procedimentos de zeladoria urbana em relação à abordagem das pessoas em situação de rua. Pelas regras, nenhum objeto da população em situação de rua poderia ser apreendido, como documentos, medicamentos, mochilas e roupas. Instrumentos de trabalho (como carroças) e itens de sobrevivência portáteis (como cobertores, colchões e travesseiros) estavam na lista de itens que não poderiam ser recolhidos. Em caso de dúvida, a pessoa deveria ser consultada. Além disso, tratava como excepcional a retirada de pertences que a pessoa em situação de rua não pudesse recolher.

O Decreto de 2017, no entanto, retirou o veto à remoção de papelões, colchões, colchonetes, cobertores e barracas desmontáveis das pessoas em situação de rua, mantendo apenas o veto à apreensão de “bens pessoais”, tais como documentos de qualquer natureza, cartões bancários, sacolas, medicamentos, entre outros. Com esse novo texto, ficou permitido retirar bens sem consulta à pessoa em situação de rua. Outra modificação de João Dória foi autorizar expressamente a retirada de pertences de pessoas em situação de rua como camas, sofás e barracas montadas (o decreto do prefeito anterior tratava como excepcional).

Para fazer valer o novo decreto, a Guarda Civil Metropolitana (GCM) protagonizou uma série de violações,⁵ como a sofrida por Delvechio, que teve seus móveis e pertences recolhidos. As denúncias de maus-tratos foram recorrentes, levando a uma revisão do decreto meses depois, na ocasião, voltando a proibir expressamente a retirada de cobertores e colchões.

5 Mais em "SUPRIMIDO PARA REVISIÓN CIEGA" (2017a).

O decreto foi revogado três anos depois pelo Decreto nº 59.246, de 28 de fevereiro de 2020. Entre os principais pontos do novo decreto, destacamos a permissão para retirada de materiais de reciclagem que não estejam em carroças e a permissão de retiradas de colchões, barracas montadas ou outros bens duráveis que não se caracterizem como de uso pessoal. Foi mantido o texto que permite ações de zeladoria em qualquer dia e horário da semana. Embora esteja prevista a formação de um subcomitê para acompanhamento das ações de zeladoria, tendo a participação, como membros, de representantes do Comitê PopRua, ainda permanecem decisões que violam os direitos humanos e legitimam as ações rotineiras de “limpeza” do espaço público urbano.

Outra ação lançada em janeiro de 2017 pela gestão Doria foi o Programa Trabalho Novo, que, com a ajuda da iniciativa privada, prometia empregar 20 mil pessoas em situação de rua. Apesar de promover capacitação profissional, o programa não considerou as individualidades e o tempo das pessoas em situação de rua no processo e, por isso, houve muitas desistências e demissões. Foi o que ocorreu com Delvechio, que recebeu uma oferta de emprego após ter seus pertences retirados. Ele participou de cursos de capacitação, mas não foi contratado e voltou para a rua.

2. Estudos Críticos do Discurso: percurso teórico

Este artigo recorre aos estudos críticos do discurso (ECD), pautando um tipo de análise que “estrutura-se como campo propositivo, usando tecnologia científica para contribuir efetivamente com a sociedade, em especial com grupos minoritários” (Acosta 2017: 56). Os ECD concebem a relação linguagem-sociedade como dialética, entendendo que não há como pensar a linguagem fora da sociedade e vice-versa. Este artigo parte da perspectiva de Fairclough (2012; 2010; 2003) e de enfoques latino-americanos (Acosta e Resende 2014; Resende 2017b; Carvalho e Gomes, 2020).

Para Fairclough (2012), o discurso é constitutivo do social e concebido de três modos nas práticas sociais: 1) como parte da atividade social dentro de uma prática; 2) como parte das representações, sendo um “processo de construção social de práticas, incluindo a autoconstrução reflexiva, modelando processos e práticas sociais” (Fairclough 2010: 226), e 3) como modos de ser, na constituição de identidades.

O autor explica que o discurso como parte da atividade social compreende gêneros, que correspondem a modos de agir. Nas representações das práticas sociais e nas autorrepresentações, as ordenações discursivas incluem modos de representação vinculados às práticas. Discursos, então, são representações distintas da vida social derivadas das posições assumidas. Com modos de ser, o discurso constitui estilos, modos particulares de identificação discursiva (Fairclough 2010).

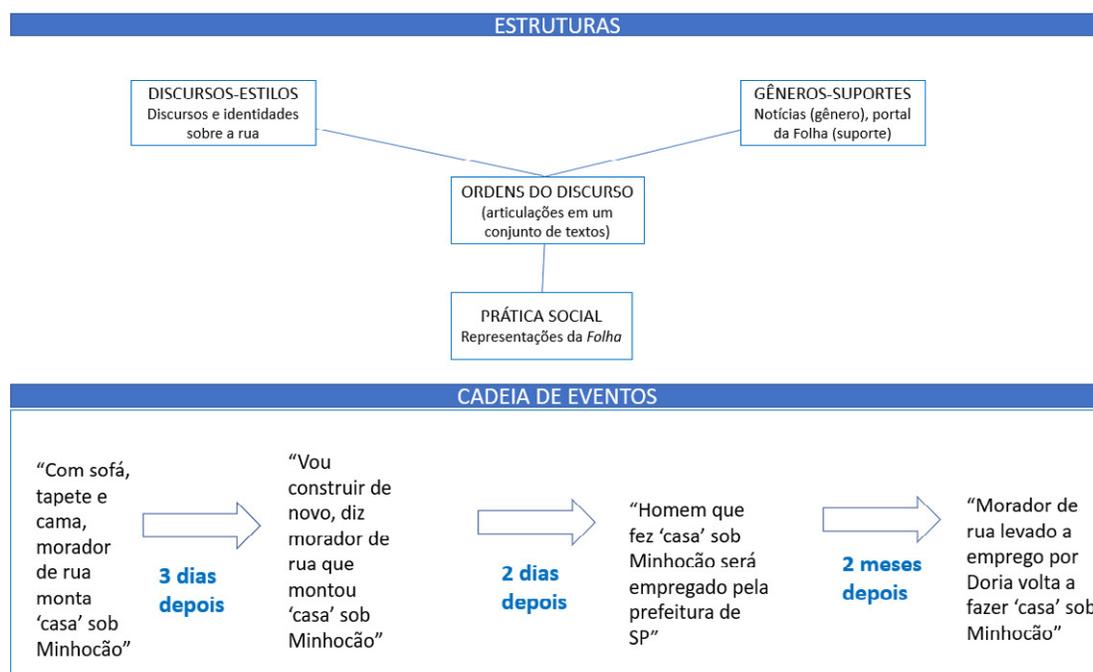
Vieira e Resende (2016) ressaltam que todos os textos – cada qual em suas particularidades e em seu contexto histórico, político, cultural – lançam mão de discursos (modos de representar), gêneros (formas de agir) e estilos específicos (modos de ser, de identificar), como parte de situações sociais também específicas. A maneira como discursos, gêneros e estilos são combinados em uma (rede de) prática (s) constitui a ordenação do discurso. “Uma ordem de discurso é a estruturação social da diferença semiótica: um ordenamento particular das relações entre diferentes formas de produzir sentidos, como discurso, gêneros e estilos diferentes” (Fairclough 2010: 227).

Resende (2017b) reordenou os três elementos constituintes das ordens do discurso em dois: discurso-estilo e gênero-suporte, “ênfatisando por um lado, a estreita relação entre identificação

e representação, e por outro, a relevância do suporte também como elemento estruturante do potencial semiótico acional” (Resende 2017b: 31). Sobre a noção de suporte acrescentada nesse reordenamento, Acosta e Resende (2014) explicam que os suportes são compreendidos “como espaço social do discurso, no sentido de que são socialmente construídos, respondendo a interesses e propósitos particulares e assim funcionando nas práticas sociais” (Acosta e Resende 2014: 134). Seguindo essa proposta de Resende (2017b), fizemos um mapeamento de análise focado no corpus deste artigo:

FIGURA 1

Mapeamento de análise



No escopo deste estudo e da pesquisa mais ampla de que parte, em que a prática social particular investigada é a representação das pessoas em situação de rua na *Folha de S. Paulo*, o âmbito de discurso-estilo está relacionado a jornalistas que escrevem matérias, a como se expressam sobre a rua e a quais discursos recorrem nas representações desse mundo (discurso da legalidade, da violação de direitos, da vigilância etc.), e como tudo isso opera na construção de identificações nos textos. Segundo Carvalho e Gomes (2020), essas “representações de mundo são construídas, desconstruídas e reconstruídas e carregam ideologias e relações de poder que se sustentam e legitimam práticas de marginalização” (Carvalho e Gomes 2020: 28). Já o gênero-suporte diz respeito a qual suporte (no caso, o portal da *Folha de S. Paulo*) está materializando o gênero (aqui, notícia). A ordenação do discurso, por sua vez, diz respeito às variadas articulações entre esses elementos previsíveis na prática particular quando se realizam em textos concretos, efetivamente produzidos e publicados no portal.

As quatro notícias selecionadas como *corpus* formam uma cadeia de eventos em textos capazes de gerar efeitos, podendo alterar conhecimentos, crenças, atitudes e valores. Neste sentido, buscamos também entender quais são esses efeitos e consequências. De acordo com Molina (2015), o

efeito que a notícia produz sobre os destinatários não é imediato, direto ou homogêneo, mas sua existência é inegável pela abrangência de sua difusão, pela reiteração múltipla das mensagens que constrói, bem como pelo lugar de enunciação privilegiado por possibilidades de difusão e pela forma das mensagens.

Ressalta-se, portanto, a relevância de estudarmos essas notícias, refletindo como a *Folha* transmite, ainda que sutilmente, posições sociais e ideológicas (van Dijk 2015) de seu local privilegiado de emissão: a *Folha de S. Paulo* é um jornal de circulação nacional e líder de audiência, que faz parte de um conglomerado de mídia que atua não só no setor de comunicação como também no financeiro. Segundo a própria *Folha*,⁶ seu público leitor típico tem cerca de 40 anos e um alto padrão de escolaridade e renda, sendo parte das classes A ou B. É desse lugar que ela emite discursos em textos, e é a esse público que as notícias se conformam.

3. Objetividade e subjetividade do jornalismo

A primeira notícia sobre Delvechio destoa do que costumamos encontrar em jornais como a *Folha* a respeito de pessoas em situação de rua, já que mostra coisas corriqueiras da rotina de Delvechio, como decoração de seu espaço, higiene pessoal e gostos. Traz um prisma humano, enquanto os enquadramentos mais recorrentes são de pessoas em situação de rua representadas como “perigosas” e “incômodas” (Resende e Mendonça 2019), “vadias” (Ávila e Molina 2017), entre outras representações estereotipadas que associam a situação de rua ao alcoolismo, à drogadição, à loucura e à violência.

Para Moraes (2018), enquadramentos viciados são frutos de um jornalismo pautado na objetividade. Seguir esse caminho é, segundo a socióloga Gaye Tuchman (1999: 74), como um “ritual estratégico” de jornalistas. De acordo com a autora, há procedimentos técnicos para se atingir a ‘objetividade’, como usar aspas para expor a opinião de outras pessoas (chamadas fontes, no campo do jornalismo), usar estatísticas ou dados numéricos para reforçar afirmações do texto (o que van Dijk refere como “*number game*”), buscar várias versões de um fato e estruturar a informação em pirâmide invertida, ou seja, narrando-se os fatos mais importantes primeiro e depois desenvolvendo o texto para os de relevância menor. Os fatos mais importantes devem, nessa perspectiva, ser colocados no primeiro parágrafo, chamado de *lead* (em português, lide). Este deve determinar o quê, quando, quem, onde, como e por que sobre o evento narrado na notícia.

Segundo Moraes (2019: 8), a noção de objetividade se constitui a partir das estruturas epistêmicas do sistema-mundo capitalista, patriarcal, ocidental moderno, que reproduz ideologias, como a do machismo, a do racismo e a do classismo. A autora afirma que os valores-notícia⁷ são pautados por esses requisitos e “tudo o que não corresponde a eles é ‘excluído’, por não ser adequado às rotinas produtivas e aos cânones da cultura profissional” (Moraes 2019: 16).

6 Mais em: https://www1.folha.uol.com.br/folha/80anos/quem_e_o_leitor.shtml. Acesso em 13 de dezembro de 2021.

7 Valores-notícia são critérios que definem se um fato ou acontecimento será ou não notícia.

Por isso, trabalhando em estudos decoloniais⁸ e feministas, ela propõe um jornalismo de subjetividade, que “possa ser uma ferramenta importante na busca pela produção de representações mais integrais sobre pessoas e grupos” (Moraes 2018: 3):

A prática subjetiva vai em busca de um modo de apreensão da realidade não respaldado no espetacular, mas que se interessa também pelo banal; não pelo insólito, mas aquilo o que é evidente; não pelo exótico, mas pelo endótico (neologismo criado por George Perec para dar conta do evidente que não se vê). Segue-se, assim, aquilo o que o romancista e ensaísta francês classificou como infra-ordinário, um método de observação do mundo baseado naquilo o que não chama atenção, naquilo que jamais, em tese, poderia ser alvo do interesse de alguém (Moraes 2018: 7).

A primeira matéria sobre Delvechio (“Com sofá, tapete e cama, morador de rua monta ‘casa’ sob o Minhocão”, 22 de abril de 2017, caderno Cotidiano) adota um tom que escapa da suposta objetividade jornalística. Trata-se de uma notícia, a princípio, sobre uma pessoa (nos termos de Moraes) que “não chama atenção” e que “jamais, em tese, poderia ser alvo de interesse de alguém”. Além disso, não segue o lide tradicional: parte de observações de quatro jornalistas (homens) que assinaram a matéria veiculada no Caderno Cotidiano. Eles formulam movimentos textuais descritivos, tanto na construção do personagem Delvechio como do cenário (“‘casa’ sob Minhocão”), que romantizam a vida desse cidadão.

No caso de Delvechio, sua visibilidade como improvável valor-notícia provocou o recolhimento de seus pertences pela Guarda Civil Metropolitana. O jornal, então, repercutiu essa ação do poder público na segunda notícia “Vou construir de novo, diz morador de rua que montou ‘casa’ sob o Minhocão”, 25 de abril de 2017, caderno Cotidiano), que concentra mais características do ‘jornalismo de objetividade’, com a apuração do conflito e a exposição das diferentes versões (pessoas em situação de rua e prefeitura).

A terceira matéria (“Homem que fez ‘casa’ sob Minhocão será empregado pela prefeitura em SP”, 27 de abril de 2017, caderno Cotidiano) também segue a linha da objetividade, apenas informando um fato, sem consultar nenhuma fonte, parecendo seguir um release⁹ enviado pela prefeitura.

Já a quarta notícia (“Morador de rua levado a emprego por Doria volta a fazer ‘casa’ sob Minhocão”, 26 de junho, de 2017, caderno Cotidiano) volta a se aproximar da subjetividade descrita por Moraes (2018), tentando dar vida novamente ao personagem. Ao focar o seu dia a dia, ainda

8 O sistema colonial estabeleceu um padrão de produção e de consumo eurocentrado que definiu as relações de poder, as quais não se findaram com a destruição do colonialismo. Para romper com essa herança colonial, surgiram movimentos como a crítica decolonial, visando à emancipação de todos os tipos de dominação e opressão, em um diálogo interdisciplinar entre economia, política e a cultura. Segundo Bernardino-Costa (2015), o projeto decolonial evidencia a importância ao *locus* de enunciação, ou seja, confere lugar de fala ao sujeito que sempre esteve apagado, silenciado.

9 Trata-se de um material informativo, enviado pelas assessorias de imprensa, com o objetivo de pautar os veículos de comunicação ou de servir como instrumento de apoio para reportagens.

que possa parecer banal, mostra uma pessoa que, assim como leitoras e leitores, trava suas lutas diárias, nutre relações de amizade e família e tem sonhos (o dele é de rever os filhos, além da casa para morar). Assim como a primeira notícia, esta quarta não aprofunda fatos, mas permite que as leitoras e leitores conheçam pessoas em situação de rua por outras lentes. Apesar de tentar trazer outra abordagem, a série de reportagens recai em representações e práticas discursivas já interiorizadas na mídia, e é o que exploramos na próxima seção.

4. Análise: movimentos discursivos e articulação de vozes

O conjunto desses quatro textos realiza movimentos discursivos, articulando vozes. Nessa sequência de texto, há a composição dos seguintes movimentos: promoção de visibilidade a uma pessoa em situação de rua; em seguida, denúncia de uma ação pública (retirada de pertences); depois, divulgação e promoção de ação pública (programa de trabalho para pessoas em situação de rua), e, finalizando, movimento de retorno à invisibilidade do personagem e de reificação da sua situação de rua como questão individual.

O percurso narrativo parte da romantização de um personagem que constrói a sua moradia debaixo de um viaduto, ou seja, parte-se de um caso individual para pautas amplas, que articulam contextos sociais e políticos, mas sem explorá-los em suas causalidades. O decreto de zeladoria não é debatido, assim como não é o programa Trabalho Novo nem as características que reduzem as chances de sucesso de programas sociais como esse. Dessa forma, o debate social é enfraquecido, embora esteja em pauta.

O movimento discursivo da série narrativa é construído na primeira notícia só com a voz de Delvechio, única fonte da primeira notícia, além da voz autoral (dos quatro jornalistas). Delvechio é acionado para falar sobre o ambiente que construiu no Minhocão, sobre sua vida desde quando era jovem até quando foi viver nas ruas e da solidão que sente estando longe da família. O texto começa com a descrição do espaço de uma forma romantizada, valorizando a sua organização e decoração (pois estes são os valores da notícia que se toma como extraordinário). No entanto, a utilização de aspas simples em “casa”, destacando a palavra, pode denotar ironia ou crítica, já que não se trata de uma casa, de fato.

Na segunda notícia, há articulação de outras vozes: além da voz de Delvechio, há a voz de Breno Brito (também em situação de rua), de uma moradora local e da prefeitura. Em citação direta, a voz articulada de Delvechio na notícia ressalta: “Estava começando a ficar famoso, acho que não gostaram. Mas vamos dar dor de cabeça para essa galera. Vou montar tudo de novo, até arrumarem nossa vida”. Ele argumenta que a partir do momento em que começou a chamar atenção, inclusive da mídia, ou seja, quando se tornou “visível”, as autoridades então recolheram seus pertences. Esse fato mostra a contradição existente na questão da visibilidade do grupo, pois são invisíveis, na maioria das vezes, para a sociedade e para o Estado, que consideram as pessoas em situação de rua como “parte da paisagem urbana” (Ávila e Molina 2017) e, como tal, não as percebem como sujeitos por quem transita nesse espaço. Quando se tornam visíveis, no entanto, incomodam e/ou representam perigo.

Percebe-se, também, neste trecho, que Delvechio tenta resistir à ação governamental ao dizer que vai “montar tudo de novo”. Esse fragmento é justamente o que dá o título à notícia (“Vou

construir de novo, diz morador de rua que montou ‘casa’ sob o Minhocão”). Poderíamos apontar que ele entoa o discurso da resistência, mas este também poderia ser interpretado como um discurso de indisciplina. A resistência de pessoas em situação de rua frente ao controle de suas vidas, muitas vezes, é encarada como indisciplina e pode reforçar o discurso de incômodo e/ou perigo, o que, muitas vezes, é tomado como justificativa para ações higienistas. Outra pessoa em situação de rua que também teve seus pertences retirados é mencionada no texto. Em citação direta, Breno Brito diz: “Também levaram meu colchão. Vou ter que dormir no chão”. Políticas higienistas como essa visam forçar as pessoas a saírem dos espaços públicos e a procurarem abrigos ou locais menos visíveis da cidade.

A notícia traz o seguinte trecho: “No sábado os moradores de rua da área receberam a visita da primeira-dama, Bia Doria, e do secretário de Assistência e Desenvolvimento Social, Filipe Sabará”. Delvechio recebeu deles a oferta de encaminhamento para o albergue e para o emprego. No entanto, em citação direta na notícia, a voz articulada de Delvechio diz: “Já vivi em albergue e é pior que a cracolândia”. Embora a matéria traga essa fala, não há problematização por parte do jornal sobre a situação dos abrigos que faz com que as pessoas prefiram ficar nas ruas, ou sobre o território que se convencionou chamar “cracolândia”¹⁰, a terra do crack.

A voz de Robson Carvalho, identificado como evangélico, traz a sua experiência na rua e com a dependência química (“Já vivi na rua, já fui internado 22 vezes”), para justificar a tentativa de levar Delvechio para um centro de reabilitação, ao qual ele se recusou a ir. A presença tanto de evangélicos como de católicos nas ruas remete ao discurso da caridade, tônica da política assistencial nas décadas de 1930 e 1940, mas que permanece até hoje nas ações públicas. Essa herança impede que se reconheçam pessoas em situação de rua como sujeitos de direitos. Além disso, para muitos, a evangelização não significa tratar o problema em sua raiz; longe disso, além de muitas vezes enfraquecer políticas públicas como as de redução de danos, promovidas pelo SUAS.

Já a voz da moradora local, representada pela dona de casa Simone Camargo, cobra medidas do governo: “Já que tirou as coisas dele, tem que dar uma assistência. E agora, o que o prefeito João Doria (PSDB) vai fazer?”. Essa pergunta enseja a articulação intertextual da resposta da prefeitura. Primeiro em discurso indireto, para introduzir o posicionamento, e depois em direto: “A prefeitura afirma que seguiu a lei, acionando equipes de assistentes sociais com antecedência. ‘O morador em situação de rua não estava no local, e a regional procedeu a limpeza como de rotina, retirando os objetos que ocupavam o espaço público’, afirma a gestão”. Nesses termos, o fato de o cidadão não estar no local justifica o confisco de seus bens. Nesse fragmento, destaca-se a preocupação com a limpeza “de rotina”, mostrando que o lado urbanístico prevalece. Além disso, nota-se a presença do discurso da legalidade: “a prefeitura afirma que seguiu a lei”.

A voz da prefeitura prossegue em articulação intertextual na notícia: “O comunicado diz ainda que os pertences estão no depósito da prefeitura Regional da Sé, sendo possível a retirada por

10 O jornal O Estado de S. Paulo usou pela primeira vez o termo Cracolândia, em agosto de 1995, em reportagem sobre apreensões e prisões relacionadas às drogas por parte da recém-criada Delegacia de Repressão ao Crack. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19950807-37182-nac-0015-cid-c3-not/busca/Cracol%C3%A2ndia>. Acesso em 13 de jun. de 2023.

Delvechio”. Essa fala entra em contradição com o seguinte trecho: “Moradores de rua que presenciaram a ação sob o Minhocão afirmam não ter recebido assistência social ou informações sobre o paradeiro dos pertences”. A relação intertextual aqui foi marcada pela contradição das informações. Vale acrescentar que o decreto prevê que pessoas cujos bens são apreendidos devem ser notificadas a respeito da destinação dos pertences, recebendo contralacre com a informação de que poderão retirá-los no prazo de trinta dias corridos, contados da apreensão, no local indicado, o que parece ter sido descumprido nesse caso (apesar do discurso de legalidade evocado).

A notícia se encerra com reprodução de mais um trecho longo da nota da prefeitura, que “diz que o secretário Sabará ofereceu trabalho a Delvechio no programa Trabalho Novo, pelo qual a prefeitura encaminha pessoas em situação de rua para empregos na iniciativa privada. ‘O morador demonstrou interesse. Entretanto, não retornou mais à região no decorrer do dia’. A prefeitura diz que são feitas ações diariamente no local e, se Delvechio for localizado, será feito encaminhamento dele para o programa”. Essa declaração da prefeitura mostra um tratamento particularizado para a situação de Delvechio, como se não fossem milhares de pessoas em situação de rua em São Paulo.

Esse desfecho em tom de promessa gerou o gancho para a terceira notícia, publicada dois dias depois, sobre o fato de Delvechio integrar o programa Trabalho Novo. A matéria conta com dados da prefeitura e, depois, reproduz informações que já tinham sido tratadas nas notícias anteriores. Não há acionamento de novas vozes, a única voz que aparece em discurso direto é reprodução de uma fala de Delvechio já veiculada no segundo texto. A ausência de acionamento de vozes e a estrutura textual dão margem à interpretação de que a prefeitura agendou a pauta, assim como em diversas outras situações em que Doria e sua equipe atraíram a atenção da mídia, como “vestindo-se de gari” – profissional que atua na limpeza das vias públicas,¹¹ para impactar a opinião pública.

Reforça essa interpretação o fato de nenhum jornalista ter assinado a matéria, diferentemente das outras três. Nesta notícia, o objetivo é divulgar o programa Trabalho Novo, e Delvechio foi usado para isso, ou seja, foi tratado como objeto de divulgação. Essa objetificação, que é frequente na mídia, soma-se às já superpostas violações de direitos das pessoas em situação de rua. Vale mencionar ainda que essa não foi a única vez em que Doria promoveu ações individualizadas e com o apoio da mídia. Em “Doria convoca imprensa para anunciar emprego para irmão de camelô morto”¹², por exemplo, é possível observar o mesmo princípio sendo aplicado. Resende (2017a) também analisou o caso de Samir Ali Ahmed Sati, que foi duramente agredido durante uma abordagem policial da Guarda Civil Metropolitana, e recebeu benesses individualizadas, como doações, capacitações e promessas de emprego. Esses três casos semelhantes mostram o *modus operandi* do governo municipal sob Doria, que aparece midiaticamente de forma dadivosa na promoção de ação individual, em vez de agir na condução de políticas públicas sistemáticas para a população (Resende 2017a).

11 Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/01/1846329-doria-promete-se-vestir-de-gari-e-limpar-as-ruas-todas-as-semanas.shtml>. Acesso em: 6 de maio de 2021.

12 O prefeito João Doria convidou a imprensa para anunciar que conseguiu um emprego de motorista para o irmão de um camelô morto por espancamento após defender travesti. Mais em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/01/1847634-doria-convoca-imprensa-para-anunciar-emprego-para-irmao-de-camelao-morto.shtml>. Acesso em 6 de maio de 2021.

Na terceira notícia de nosso *corpus*, observa-se a utilização de formas verbais com gerúndio (como “está renovando seus documentos e recebendo auxílio psicológico”), que remetem a ações contínuas do governo. As ações seguem enfatizadas em um infográfico com números:

FIGURA 2

Infográfico publicado na notícia

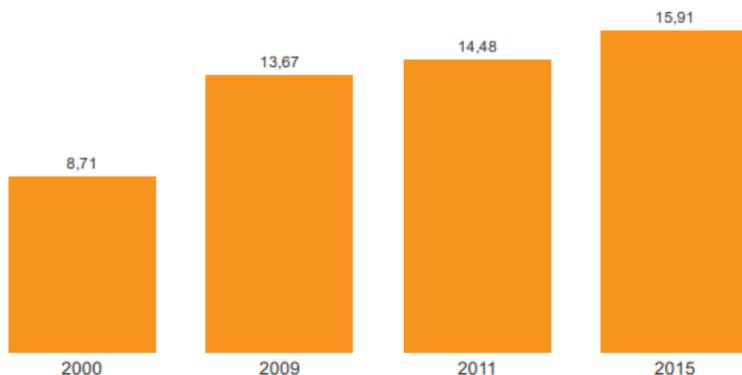
TRABALHO NOVO

Programa quer empregar todos os sem-teto até o fim do ano

14 moradores de rua demitidos desde janeiro
250 moradores de rua contratados desde janeiro
20.000 meta de número de empregados até dez.2017
9.090 vagas de emprego anunciadas pela prefeitura

NÚMERO DE SEM-TETO

Segundo censo de 2015, em milhares



7.335 moradores de rua na calçada
8.570 moradores de rua em albergues

Fonte: Prefeitura de São Paulo e Fipe (Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas) e Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social de São Paulo
 Confira mais infográficos da [Folha](#)

Neste infográfico, chama atenção a frase inicial “Programa quer empregar todos os sem-teto até o fim do ano”. O verbo “quer” mitiga o comprometimento do governo (ou o comprometimento do jornal com esse futuro representado), afinal ele “quer empregar” em vez de “empregará”, que teria mais força e mais comprometimento. Além disso, aciona o discurso político prometendo emprego a “todos” (generalização que se sabe improvável).

Esse infográfico informa também a meta de empregar 20 mil pessoas, um número expressivo e até maior que o contingente populacional em situação de rua oficialmente considerado na capital paulista, que na época era de 15.905, conforme informa o texto no infográfico. Percebemos, aí, um movimento retórico de ênfase e hipérbole. Trata-se, conforme van Dijk (2008), de um jogo de números, que desempenha papel na argumentação e na legitimação, sendo útil para sinalizar verdade e precisão e, portanto, competência e credibilidade. Assim a prefeitura, fonte dessas informações, sugere ação e resultado, consequentemente, mostrar gera efeito discursivo de competência e credibilidade.

A quarta notícia trata do retorno de Delvechio ao Minhocão. Antes de abordar o acontecimento que o levou de volta à rua, o jornal recontextualiza a organização do espaço ocupado e a ação de recolhimento de seus pertences pelo governo municipal. A partir de então, sob o entretítulo “Frustração”, há a voz de Delvechio, primeira voz acionada no texto, explicando o que houve: “Fiz uma entrevista de emprego, mas não fui contratado. Eles acharam que eu ainda não tinha condições”; em outra fala: “Eles garantiram que eu teria um emprego. Fui fazendo todo tipo de curso que surgia. Fiz até terapia de grupo, mas não me acostumei”. Diz ainda ter sido vítima de preconceito: “Você acha que eles contratam morador de rua?”. A voz de Delvechio aciona discursos sobre a rua e a população em situação de rua que expressam preconceito, por exemplo, sobre ‘não ter (ainda) condições’. Não se esclarece que condições seriam essas, e a presença de “ainda” sugere a não rara infantilização da população em situação de rua no desenho de políticas públicas.

O jornal recontextualiza a vida pregressa de Delvechio: “O morador de rua também luta para não ser mais uma vez dominado pelo crack. O vício surgiu quando ganhou uma pedra da droga de um traficante. Foi internado mais de uma vez e acabou preso por furto, aos 19. Após chegar em São Paulo há três anos para tentar um emprego como pintor, acabou na rua atrás da pedra. Vivía pela crackolândia até ‘fugir’ para debaixo do elevador”. A reprodução de trechos de outras notícias, como esses, ocorre nas três últimas, marcando a articulação intertextual e a organização narrativa dessa sequência de matérias. Focando o problema da drogadição como uma causa da vida nas ruas, o jornal reifica padrões de estigmatização e recusa explorar causalidades sociais, enfatizando aspectos biográficos individuais, e não os determinantes sociais.

Para Ávila e Molina (2017), a responsabilização das vítimas por sua condição nada mais é que “uma armadilha discursiva da ideologia capitalista neoliberal que disfarça a desigualdade inerente ao sistema com a mentira meritocrática de que cada um ocupa na sociedade o lugar que lhe corresponde” (Ávila e Molina 2017: 68). Dessa forma, o jornal desresponsabiliza, veladamente, o Estado e a imensa desigualdade social pelo fato de pessoas estarem em situação de rua.

A voz da Secretaria de Assistência e Desenvolvimento Social é representada por meio da assessoria, cuja articulação intertextual no texto, em discurso indireto, informa atendimento de Delvechio por assistentes sociais e psicólogos como uma das fases para ser encaminhado ao programa de trabalho. Prosseguindo: “a pasta confirmou que Delvechio fez uma entrevista de emprego, porém, ‘deveria ter continuado a capacitação a fim de participar de novos processos’”. Mais uma vez, a opção narrativa é por enfatizar a desistência dele do programa, cujas características não chegam a ser problematizadas.

Por fim, “a secretaria afirmou ainda que estava à procura de Delvechio e que existe uma nova vaga de emprego no perfil dele”. É importante destacar o fato de a questão de Delvechio ter sido usada, pelo governo, para divulgar o programa Trabalho Novo, como ocorreu com outros casos¹³ de impacto midiático negativo para a prefeitura. Não repercutiria bem para a avaliação do programa

13 Caso “Reginaldo Ruas”: Ruas é irmão do camelo morto por defender travesti. Ele recebeu uma oferta de emprego como motorista. Doria convocou a imprensa para fazer o anúncio dessa ação. Caso “Samir Ali Ahmed Sati”: após ser duramente agredido pela Guarda Civil Metropolitana, também recebeu uma oferta de emprego, além de doações e capacitações.

que Delvechio permanecesse como foi encontrado: debaixo do Minhocão e desassistido, pois poderia levar à interpretação de ineficácia do projeto. A inclusão da voz da prefeitura com esta resposta deixa ver, novamente, o tom de promessa, que entoa um discurso político, ao buscar convencer que haveria nova vaga para Delvechio.

No entanto, a trajetória dele não reflete, nem de perto, a situação das pessoas em situação de rua que, na maioria das vezes, não chegam a acessar muitas ações ou políticas públicas, para além das práticas de retirada, das ações policiais, das políticas higienistas e dos períodos de abrigamento. O texto termina com “A ver”, sinalizando para um comprometimento do jornal em continuar acompanhando a situação, ou seja, o cumprimento da promessa de empregar Delvechio, assimilando assim um discurso de vigilância como um dos papéis do jornalismo.

No quadro 1, resumimos os movimentos discursivos realizados, bem como as vozes articuladas. Destacamos que as vozes dos jornalistas aparecem nas quatro notícias, por serem os autores, mas esses profissionais articulam e incorporam as vozes dos editores e do próprio jornal.

QUADRO 1

Resumo analítico dos movimentos discursivos

TÍTULO DA MATÉRIA	CADERNO	ASSINATURA	MOVIMENTO DISCURSIVO	VOZES ARTICULADAS
Com sofá, tapete e cama, morador de rua monta “casa” sob Minhocão	Cotidiano	Eduardo Anizelli Emiliano Goyeneche Paulo Saldaña	Visibilidade a uma pessoa em situação de rua (em tom de <i>fait divers</i>)	Delvechio Jornalista
“Vou construir de novo”, diz morador de rua que montou “casa” sob Minhocão	Cotidiano	Eduardo Anizelli Artur Rodrigues	Denúncia de uma ação pública (retirada de pertences)	Pessoas em situação de rua (Delvechio e Breno Brito) Evangélico Dona de casa Prefeitura Jornalista
Homem que fez “casa” sob Minhocão será empregado pela prefeitura em SP	Cotidiano	Sem assinatura	Divulgação de ação pública (programa de trabalho para pessoas em situação de rua)	Jornalista
Morador de rua levado a emprego por Doria volta a fazer “casa” sob Minhocão	Cotidiano	Dhiego Maia Eduardo Anizelli	Retorno do personagem e reificação da sua situação de rua (como opção)	Delvechio Prefeitura Jornalista

Nesses quatro textos, Delvechio é representado principalmente de modo ativado (van Leeuwen 2008), como no título das duas primeiras matérias: “Com sofá, tapete e cama, morador de rua monta ‘casa’ sob Minhocão” e “Vou construir de novo, diz morador de rua que montou ‘casa’ sob Minhocão” (ativação, grifos nossos). Os títulos da terceira e da quarta matéria são mais complexos:

combinam ativação e passivação: “Homem que fez ‘casa’ sob Minhocão será empregado pela prefeitura em SP” (ativação e passivação, grifos nossos) e “Morador de rua levado a emprego por Doria volta a fazer ‘casa’ sob Minhocão” (passivação e ativação, grifos nossos). Interessante observar a construção “levado a emprego”, pois dela decorre efeito de sentido de um benefício que não se realizou de fato, e assim a manchete ativa sentido oposto aos fatos que o texto narra. Apesar de no título a representação estar passivada, no texto está ativada. A relevância de manchetes em textos jornalísticos é notável (Tomazi 2020), não só por sua natureza informativa e resumida, mas também por ser porta de acesso em que as leitoras e leitores decidem se vão ler a matéria.

As notícias trazem diversas representações. Delvechio é representado, primeiramente, como uma pessoa racional: ele não romantiza a rua e sabe que ali não é a sua casa. São exemplos disso: “diz ele sem se iludir” e “Sei bem que isso não é minha casa, casa, não é nada fácil acordar na rua. Você fica com medo até de você”. A sequência de matérias de Delvechio explora a consciência do personagem de sua situação de vulnerabilidade. É representado positivamente no que diz respeito a seu trato pessoal: “‘Eu sempre me cuido’, diz, com gel nos cabelos”, “O primeiro ‘corre’ do dia é com a higiene pessoal. A água que usa para lavar o rosto e escovar os dentes vem de uma lanchonete. Também usa o banheiro do metrô para tomar banho improvisado” e “Nunca foi visto sujo (...)”. Nessa avaliação de Delvechio como uma pessoa asseada, ativa-se por oposição o estereótipo de que pessoas em situação de rua sejam ‘sujas’ – ora, de que outro grupo de atores sociais o jornal cuida de expressar sua higiene? Nesse sentido, levantar o tema do asseio é em si uma avaliação velada, por oposição, do grupo populacional de que faz parte.

Outra avaliação que pode ser inferida é a de ‘trabalhador’: “Vive de fazer bicos. No último serviço executado, ganhou alguns trocados como pintor. Sempre acorda muito cedo” e “Lutei para ter minhas coisinhas”. Novamente, trata-se de uma avaliação que ativa estereótipos, desta vez, não pelo contrário pressuposto, mas pelo léxico mitigador do trabalho e seus efeitos quando se fala da rua (“bicos”, “trocados”, “coisinhas”). Podemos inferir que a *Folha* conta com leituras afinadas com a perspectiva segundo a qual para quem está na rua qualquer ‘coisinha’ serve (qualquer programa, qualquer abrigo, qualquer trocado).

Por fim, destacamos a identificação relacional, nas relações de vizinhança, nas quais Delvechio é representado como beneficiário de doações: “Ele afirmou já ter começado a receber doações para reconstruir a moradia a céu aberto. Na tarde de segunda, já tinha um colchão. Os vizinhos também ajudam” e “O cara da padaria me deu barbeador”. Além da relação de caridade, há um cenário de amizade: “Alemão é muito benquisto por todos. Ele é diferenciado dos demais. Sempre que posso sento lá e converso com ele, diz a atendente Vanessa Santos, 23”. A avaliação “diferenciado dos demais” cumpre duplo papel: a avaliação positiva de Delvechio constrói-se sobre a avaliação negativa da população em situação de rua. É essa natureza ‘diferenciada’ que o torna personagem dessa sequência de *fait divers*¹⁴. Sobre a representação de ações caritativas de que Delvechio representa-se como beneficiário, lembremos, com Freire (1987), que a verdadeira “generosidade” está em lutar para que a desigualdade social seja superada pela redistribuição de recursos de forma justa.

14 O termo francês *fait divers* significa fatos diversos e se refere à cobertura noticiosa de escândalos, de algo considerado excepcional, extraordinário. Permeia ao sensacionalismo.

Considerações finais

Neste artigo, parte de um projeto amplo em que são focalizados dez anos de publicações da *Folha de São Paulo*, analisamos a representação discursiva em torno de uma pessoa em situação de rua: Wlademir Delvechio, assunto de quatro notícias publicadas em 2017. Buscamos identificar como o personagem foi construído na narrativa e como diferentes vozes articularam discursos, a fim de compreender como a produção discursiva do jornal fala a suas leitoras e leitores sobre a situação de rua de uma maneira geral, ao discutir um caso específico. Como as especificidades dessa representação apontam sentidos para a população?

Embora o veículo tenha tratado a questão individual, trouxe à tona pautas mais amplas, que cruzam os temas da situação de rua e das ações e políticas públicas, como a questão do recolhimento dos pertences das pessoas em situação de rua, de abrigo, de programa de trabalho do governo, de preconceitos e estereótipos, dentre outras. Os temas levantados na sequência de matérias, de forma não surpreendente para quem tem acompanhado essa cobertura, não foram explorados de modo a contribuir para um debate aprofundado, sendo ao contrário, pano de fundo para uma história talvez lida como pitoresca.

Pela lente da intertextualidade, o governo acionou, na articulação intertextual pelo jornal, discurso higienista, que sobrepõe a questão urbano-paisagística à social; discurso político, que, por meio das promessas, evidencia interesses de agentes do poder não propriamente de trabalhar em prol da população; e um discurso de legalidade, que justifica ações higienistas com base na lei, conforme foi discutido na análise.

O jornal assumiu na voz autoral um discurso de vigilância, ao dizer que iria monitorar a ação governamental em relação a Delvechio, mas não deixou de se aliar ao poder público: quando agiu a serviço deste ao divulgar uma notícia-release sem promover reflexões e sem mostrar diferentes vozes sobre o programa; quando disseminou discursos em conformidade com a ideologia dominante (discurso político e higienista), deixando escapar discursos que questionassem a desigualdade social e expressassem outras possibilidades de ação pública.

Ainda que as representações de Delvechio tenham sido culturalmente lidas como positivas (racional, asseado, trabalhador), ainda foi possível observar enfoques viciados da imprensa na reificação de estereótipos, muitas vezes por oposição.

Referências bibliográficas

ACOSTA, M. P. T. 2017. (Con)textos de violação e resistência: um estudo em análise de discurso crítica sobre o caso Michele Maximino. Em M. Resende, e J. F. S. Regis (orgs.), *Outras perspectivas em Análise de Discurso Crítica*, pp. 53-102. Campinas – Pontes Editores.

ACOSTA, M. P. T. e RESENDE, V. M. 2014. Gêneros e suportes: por um refinamento teórico dos níveis de abstração. *Romantica Olomucensia*, 26 (2): 127-142.

ÁVILA, H. R. e MOLINA, M. L. 2017. A situação de rua como problemática social estrutural nas cidades. Em V. M. Resende e R. B. Silva (orgs.), *Diálogos sobre resistência: organização coletiva e produção do conhecimento engajado*. Campinas – Pontes Editores.

- BERNARDINO-COSTA, J. 2015. Decolonialidade e interseccionalidade emancipadora: a organização política das trabalhadoras domésticas no Brasil. *Sociedade e Estado*, 30, jan./apr. Brasília.
- CARVALHO, A. B. e GOMES, M. C. A. 2020. Uma análise crítica e discursiva sobre (re)construções de representações e de identidades em relatos de mulheres gordas em blogs. Em M. C. A. Gomes e P. F. Pimenta (orgs.), *Representações discursivas de identidades de gêneros em práticas sociais brasileiras*, pp. 19-35. Porto Alegre – Editora Fi.
- FAIRCLOUGH, N. 2003. *Analysing discourse: textual analysis for social research*. London: Routledge.
- FAIRCLOUGH, N. e MELO, I. 2012. Análise Crítica do Discurso como método em pesquisa social científica. *Linha D'Água*, 25 (2):307-329.
- FAIRCLOUGH, N. 2010. A dialética do discurso. *Revista Teias*, capa, 11 (22).
- FREIRE, P. 1987. *Pedagogia do Oprimido*, Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- FOLHA DE S. PAULO. 2008. *Manual da Redação*. Publifolha.
- HALLIDAY, M. A. K. 1978. *Language as Social Semiotic: The Social Interpretation of Language and Meaning*. London: Edward Arnold.
- IPEA. 2016. [Disponível na Internet em http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/7289/1/td_2246.pdf]. INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. *Estimativa da População em Situação de Rua no Brasil. Texto para discussão*. Brasília: Rio de Janeiro. Disponível em: http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/7289/1/td_2246.pdf. [Consulta: 10 setembro. de 2019].
- MAGALHÃES, et al. 2017. *Análise de discurso crítica: um método de pesquisa qualitativa*. Brasília: Editora Universidade de Brasília.
- MENDONÇA, D. G. 2020. *População em situação de rua: como as ações e políticas públicas são representadas na Folha de São Paulo*. Dissertação. (Mestrado em Linguística) Universidade de Brasília, Brasília.
- MOLINA, M. L. 2015. *Representaciones discursivas de las personas em situación de pobreza urbana en notas periodísticas informativas publicadas em los principales diarios argentinos*. Tesis – Universidade de Buenos Aires.
- MORAES, F. e VEIGA DA SILVA, M. 2019. A objetividade jornalística tem raça e tem gênero: a subjetividade como estratégia descolonizadora. Em Anais do XXVIII ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre-RS.
- MORAES, F. 2018. Para que serve um jornalismo de subjetividade? Em XVI ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, São Paulo (SP).
- RESENDE, V. M. e MENDONÇA, D. G. 2019. População em situação de rua e políticas públicas: representações na Folha de São Paulo. *Revista DELTA*, São Paulo, SP, v. 35(4).
- RESENDE, V.M. 2017a. Gestão Policial da pobreza: vulnerabilidade de pessoas em situação de rua aos rigores da ordem pública – um estudo do caso de Samir Ali Ahmed Sati. *Revista CES*, 23: 15-31.

- RESENDE, V. M. 2017b. *Decolonizar os estudos críticos do discurso: por perspectivas latino-americanas*. Em XII CONGRESSO INTERNACIONAL DA ALED. Universidad Católica - Santiago do Chile.
- RESENDE, V. M. e RAMALHO, V. C. V. S. 2004. Análise de Discurso Crítica, do modelo tridimensional à articulação entre práticas: implicações teórico-metodológicas. *Linguagem em (Dis)curso – LemD*, Tubarão, 5, 1: 185-207.
- TOMAZI, M. M. 2020. A agentividade nas manchetes sobre violência de homens contra mulheres. *Discurso & Sociedad*, 14: 823-844.
- TUCHMAN, G. 1999. *A objetividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objetividade dos jornalistas*. Em N. Traquina (org.), *Jornalismo: questões, teorias e “estórias”*. Lisboa: Veja 2: 61-73.
- VAN DIJK, T. A. 2001. Critical Discourse Analysis. Em D. Tannen e D. Schiffrin e H. Heidi (orgs.). *Handbook of Discourse Analysis*, pp. 352-371. Oxford: Blackwell.
- VAN DIJK, T. A. 2015. *Discurso e poder*. São Paulo: Contexto.
- VAN DIJK, T. A. 2008. *Discourse and Power*. New York: Palgrave Macmillan.
- VAN LEEUWEN, T. 1997. A representação dos atores sociais. Em E. R. Pedro (org.). *Análise Crítica do Discurso: uma perspectiva sociopolítica e funcional*, pp. 169-222. Lisboa: Caminho.
- VIEIRA, V.C. e RESENDE, V.M. 2016. *Análise de discurso (para a) crítica: o texto como material de pesquisa*. Campinas: Pontes.

DANIELE GRUPPI DE MENDONÇA. Doutoranda em Linguística (Linguagem e Sociedade) pela Universidade de Brasília (UnB), Daniele Mendonça é jornalista (UnB), membro do Núcleo de Estudos de Linguagem e Sociedade (NELiS/UnB) e do Laboratório de Estudos Críticos do Discurso (LabEC/UnB).

E-mail: danielegmendonca@gmail.com

VIVIANE DE MELO RESENDE. Doutora em Linguística (Linguagem e Sociedade) pela Universidade de Brasília (UnB), Viviane Resende é professora associada do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas (LIP/UnB). É Coordenadora Geral do INCT Caleidoscópio: Instituto de estudos avançados em iniquidades, desigualdades e violências de gênero e sexualidade e suas múltiplas insurgências, com sede na UnB e apoiado pelo CNPq. É pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL/UnB), orientando na área de Linguagem e Sociedade, especificamente em Estudos Críticos do Discurso. Coordenadora do Laboratório de Estudos Críticos do Discurso (LabEC/UnB) e vice-coordenadora do Núcleo de Estudos de Linguagem e Sociedade (NELiS/Ceam/UnB).

E-mail: resende.v.melo@gmail.com